Historia e Genealogia

LEONARDO FEITOSA

Quando foi o Brasil dividido em capitanias, a de Pernambuco foi doada a Duarte Coelho Pereira, "notavel capitão portuguez por seus feitos no Oriente na conquista das Indias."

Segundo refere Sebastião de Vasconcellos no seu bom "Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco", a doação foi feita por carta regia de 10 de Abril de 1534, e a capitania tinha 60 leguas, desde a fóz do rio S. Francisco até o rio Iguarassú. A carta regia tinha a data supra, "com o foral de 24 de Outubro do mesmo anno."

Conforme refere o mesmo autor, "Pernambuco era habitado na costa, desde o rio S. Francisco até Itamaracá e suas proximidades, pelos Cahetés, tribo selvagem e feroz, e desde Itamaracá até o rio Abiay, que era a divisão com a Parahyba, pelos indios Tabayares, menos ferozes e mais fieis em seus tratos."

"Os Potyguaras, os mais crueis de todos, possuiam a costa da Parahyba e do Rio Grande do Norte.

Os Paratiós, os Hucurús e os Cariry habitavam o sertão.

Duarte Coelho, primeiro donatario de Pernambuco, era filho de Gonçalo Pires Coelho e neto paterno de Martim Coelho, senhor de Filgueiras, aio do infante D. Pedro e sua mulher D. Joanna de Azevedo; era, portanto, oriundo da antiga e nobilíssima linhagem dos Coêlhos."

Previa Duarte Coelho os graves perigos a que se expunha na convivencia com povos selvagens, mas tinha que vir apossar-se da sua propriedade para, assim, entrar no goso dos *direitos e prerogativas*, que, em larga relação, eram concedidos aos donatarios.

Era Duarte Coelho casado com D. Brites de Albuquerque, filha de Lopes de Albuquerque e de D. Joanna de Bulhões, "neta pelo lado paterno de João de Albuquerque e D. Leonor Lopes, e, pelo materno, de Affonso Lopes de Bulhões, "sumilher de cortina d'el-rei D. João III", e D. Isabel Gonçalves, todos pertencentes ás

Do porto de Lisboa, partia para o Brasil Duarte Coelho "acompanhado da esposa D. Brites de Albuquerque, do cunhado Jeronymo de Albuquerque, varias familias e o pessoal necessario para a fundação da colonia e munido de todo o material preciso, obtendo, para aquelles objectos, que mandou vir do estrangeiro, isenção de direitos, por alvará de 2 de Outubro de 1534.

Em 9 de Março de 1535 fundeou a armada no porto de Itamaracá e Duarte Coelho saltou com toda a sua gente nas margens do rio Iguarassú, no sitio denominado Marco, limite das suas terras com as de Itamaracá..."

Jeronymo de Albuquerque, nascido no começo daquelle seculo, era então um rapaz forte e dotado de intrepidez e bravura, em virtude do que lhe deram "o logar de um dos primeiros capitães e dos vultos mais notaveis da colonia."

Referindo-se a Jeronymo de Albuquerque, diz Sebastião de Vasconcellos, no citado Diccionario: "Tomando parte nas escaramuças contra os indios, que tenazmente se oppunham ao estabelecimento dos portuguezes, em um dos primeiros encontros havidos com os mesmos, perdeu um olho, ficando prisioneiro e, pelo defeito da visão, começaram a chamal-o *Tôrto*.

Prisioneiro de guerra e condemnado á morte, succumbiria Jeronymo de Albuquerque, se não tivesse a felicidade de cahir no agrado de uma das filhas de *Arco Verde*, cacique ou velho chefe dos indios Tabayares, a qual, apaixonada, pediu ao pai a liberdade do *Carahyba*, porque o queria para seu esposo.

Cedendo o velho cacique ás supplicas da filha, não só concedeu a liberdade a Jeronymo de Albuquerque, como ainda firmou a paz e se alliou aos portuguezes; e elle então volta em companhia da india a quem devia a sua liberdade, fal-a baptisar solemnemente, e, em memoria da festa de pentecostes que nesse dia celebrava a igreja, recebeu ella o nome de *D. Maria do Espirito Santo Arco Verde*."

Jeronymo de Albuquerque não se casou com aquella india, mas della teve oito filhos que perfilhou, sendo um delles Jeronymo de Albuquerque, fidalgo da casa real "heroico restaurador do Maranhão, tronco de duas das mais distinctas familias de Pernambuco — Cavalcante e Albuquerque Maranhão"; outra, Catharina de Albuquerque, que se casou com o fidalgo florentino Cavalcanti, e Isabel Albuquerque, que se casou com Felippe de Moura, que, segundo José de Carvalho, governou a capitania de 1583 a 1588.

Jeronymo de Albuquerque (o velho) teve além destes filhos mais cinco naturaes de mulheres brancas e de indias, perfilhando a todos.

"Depois, extranhando a propria rainha *D. Catharina* esse seu procedimento em uma colonia nascente, e insinuando-lhe que seria

Christovão de Mello, que passava a residir em Pernambuco, em obediencia ao desejo real, Jeronymo de Albuquerque recebeu, em 1562, a D. Felippa de Mello por sua legitima mulher, nascendo desse enlace onze filhos, cujo numero, portanto, attingiu a vinte e quatro, entre legitimos e legitimados. E' d'ahi que lhe sobreveiu o nome de *Adão Pernambucano*, com que ás vezes o denominam."

Eu, porém, o denominaria de *Adão brasileiro*, porque tão vasta é a descendencia daquelle grande homem, que ouso perguntar: em qual Estado do Brasil não reside, não demora ou não transitou alguma vez um ou mais descendentes de Jeronymo de Albuquerque?

Até mesmo no Departamento do Acre já residiram ha annos descendentes delle: um meu parente em 5.º grau civil é um delles.

Felippe Cavalcanti era natural de Florença, na Italia, e "quer pela sua ascendencia paterna, quer pela materna, pertencia á primeira nobreza" de sua terra, cujas familias — segundo um decreto, firmado por Cosme de Medicis, Duque de Florença, em 23 de Agosto de 1589, — "resplandecem com singular nobreza e luzimento, das quaes tem sahido varões dignos da Republica, benemeritos, porque tem alcançado em successivos tempos todas as honras e dignidades do Estado, e servido ás supremas magistraturas, com grande louvor e trazendo as armas proprias das suas familias, á maneira dos patricios florentinos, distinctas em seus campos e côres conhecidas, viveram como os outros mais luzidos fidalgos de sua patria" ("Diccionario Chorographico, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, pag. 116 do 2.º vol.).

Felippe de Moura era natural de Lisboa e, segundo refere o mesmo autor, veio para Pernambuco em 1556, casou-se com sua prima Isabel de Albuquerque, filha de Jeronymo de Albuquerque e da india Maria do Espirito Santo Arco Verde. Deste casal descendia Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras, e depois Marquez de Pombal, "o celebre ministro de D. José I.". Enviuvando, casou-se com D. Genebra Cavalcanti, filha de Felippe Cavalcanti e sobrinha de sua primeira mulher, D. Isabel de Albuquerque. Felippe de Moura era filho de Manoel de Moura e de D. Isabel de Albuquerque, irmã de Jeronymo de Albuquerque e de D. Brites, a mulher do primeiro donatario Duarte Coelho.

Gonçalo Mendes Leitão, "portuguez de preclara familia", casou-se com D. Antonia de Albuquerque, filha de Jeronymo de Albuquerque e da india Maria do Espirito Santo Arco Verde, a qual teve por dote de seu pai a data e sesmaria de Paratibe, onde fundaram um "engenho d'agua com o nome de Paratibe, que, em 1559, já estava concluido." Nessa mesma propriedade edificou elle Gonçalo Mendes Leitão, um sobrado para sua residencia e uma capella, dedicada a Santo Antonio. Por alli passando D. Pedro Leitão, "Bispo eleito do Brasil, de passagem para a Bahia, celebrou o acto solemne da benção da capella, e a essa festa, apparatosa-

O bispo D. Pedro Leitão era irmão de Gonçalo Mendes Leitão, que teve "larga descendencia" e viveu, bem como sua mulher, muitos annos.

Jeronymo de Albuquerque, "constituido Capitão-mór e procurador do terceiro donatario Jorge de Albuquerque, seu sobrinho, governou a capitania de 5 de Março de 1576 até o anno de 1580, exceptuando o lapso de tempo em que, dentro desse periodo, foi substituido no governo por seu sogro, D. Christovão de Mello. Diversas vezes, na ausencia de seu cunhado, o primeiro donatario Duarte Coelho, Jeronymo de Albuquerque tomava parte no governo da Capitania, ao lado de sua irmã D. Brites de Albuquerque.

De Jeronymo de Albuquerque descendem, no Ceará, diversos povos: os Mellos, os Pinheiros, do Riacho do Sangue, os Fernandes Vieiras, em parte, e os Feitosas em geral, pelo lado de Felippe Cavalcanti, o florentino, e sua mulher Catharina de Albuquerque, em virtude dos casamentos, 1.º e 2.º, do coronel Francisco Alves Feitosa, respectivamente, com as viuvas Isabel do Monte, irmã do Capitão-mór Geraldo do Monte, e Catharina Cardosa, descendente da familia Cavalcanti de Pernambuco, e ainda pelo casamento posterior do Capitão-mór Pedro Alves Feitosa com D. Anna Cavalcanti de Nazareth Bezerra, dos Cavalcantis Bezerras de Pernambuco. Seria logico que se fizessem distinguir os descendentes de Felippe Cavalcanti pela terminação -ti, de origem italiana.

Os Albuquerques do Ceará, segundo João Brigido, devem descender do primeiro donatario de Pernambuco Duarte Coelho, mas parece mais provavel descenderem elles do nosso *Adão pernambucano* Jeronymo de Albuquerque, porque aquelle apenas teve dois filhos, que foram Duarte Coelho de Albuquerque, 2.º donatario, e Jorge de Albuquerque, 3.º donatario da Capitania de Pernambuco, succedendo que o 2.º donatario morreu solteiro sem descendentes, aos 41 annos de idade, e o 3.º apenas teve, do seu primeiro casamento, com sua prima D. Maria de Menezes, filha de D. Pedro da Cunha e de D. Anna de Menezes, uma filha, e do segundo, em 1587, com D. Anna de Menezes, filha de D. Alvaro Coutinho, os seguintes: D. Brites de Albuquerque, Duarte de Albuquerque, quarto donatario de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, que governou a Capitania em nome de seu irmão, o quarto donatario supra, e finalmente Paula de Albuquerque Coelho. Ao passo que Jeronymo de Albuquerque, com 24 filhos, deixou descendencia para formar os habitantes de um planeta, porque delle vem toda a prole dos cinco irmãos Montes, toda a familia Arcoverde, toda a descendencia, em Portugal, de D. Isabel de Albuquerque, ascendente do Marquez de Pombal, e, sobretudo, a carga enorme dos filhos menos salientes daquelle varão prolifico, que falleceu em avançada idade, em 1584.

Os Xerez Furna, do Ceará, si não descendem de Jeronymo de Albuquerque, devem ter com os descendentes deste ligações col-

descenderem de Bartholomeu Rodrigues e D. Joanna de Góes Vasconcellos.

Felippe Cavalcanti era filho de João Cavalcanti e de Genebra Manelli. Referindo-se a elle diz Sebastião de Carvalho Galvão, no citado "Diccionario":"... figurando em uma mallograda conjuração contra o Duque Cosme de Medicis, viu-se forçado a expatriar-se em 1558. Refugiou-se em Portugal, mas não se julgando seguro na Europa, passou para a America e veio residir em Pernambuco, — "onde experimentou taes attenções em Jeronymo de Albuquerque, que casou com a filha que elle mais amava".

Em 1566 já Felippe Cavalcante residia em Pernambuco, por quanto já n'esse tempo tomou elle parte na guerra que se moveu contra os indios, e lhe coube commandar uma expedição maritima para combatel-os em Serinhãem, em companhia de seu sogro Jeronymo de Albuquerque, que partira por terra commandando uma outra expedição.

Felippe Cavalcante, fixando-se em Pernambuco, constituiu familia, pois casara-se com D. Catharina de Albuquerque, filha natural de Jeronymo de Albuquerque com a india Maria do Espirito Santo Arco Verde, mas legitimada por carta d'el-rei D. Sebastião. E' deste consorcio que procede a familia *Cavalcanti de Albuquerque.*"

Felippe Cavalcanti e Catharina tiveram, segundo "As Memorias" de Antonio Feijó de Mello, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão-mór da villa Formosa de Serinhãem, onze filhos, cujos nomes são os seguintes: 1, João Cavalcanti, que falleceu com pouca idade; 2, Antonio Cavalcanti de Albuquerque, fidalgo da Casa Real, que governou as Capitanias do Pará e Maranhão "pelos annos de 1630" e foi casado com D. Isabel de Goes; 3, Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, que, em 1624, commandou, com o titulo de capitão, uma das Companhias que Mathias de Albuquerque, seu primo e governador de Pernambuco, mandou em soccorro da Bahia, em acção conjugada com o governador geral do Brasil, Diogo de Mendonça Furtado, cuja missão desempenhou com tanto valor e acerto que foi "eleito governador do Exercito juntamente com Antonio Cardoso de Barros", sendo depois nomeado governador de Cabo Verde, vindo a fallecer sem deixar descendencia; 4, Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque, Cavalheiro da Ordem de Christo, cujo habito tomou no anno de 1634: era, conforme escreveu Duarte de Albuquerque, quarto donatario, senhor de tres engenhos em Goyanna, e, em consequencia das guerras, retirou-se para a Bahia, donde passou a Lisboa e chegou ainda a obter o governo de Caboverde, fallecendo sem descendencia; 5, Felippe Cavalcanti, que morreu criança; 6, D. Genebra Cavalcanti, que foi segunda mulher de Felippe de Moura; 7, Joanna Cavalcanti, que morreu criança; 8, D. Margarida de Albuquerque, casada em primeiras nupcias com João Gomes de Mello, o novo, filho de João Gomes de Mello, natural da Provincia da Beira e primeiro senhor do Engenho do Tra-

D. Anna de Hollanda, filha de Arnaud de Hollanda, natural de Utrecht, e de D. Brites Mendes de Vasconcellos, a velha; 9, Catharina de Albuquerque, primeira mulher de Christovão de Hollanda Vasconcellos, filho primogenito do citado Arnaud de Hollanda; 10, Felippa de Albuquerque, casada com Antonio de Hollanda Vasconcellos, filho tambem de Arnaud de Hollanda; 11, Brites, finalmente, que morreu de tenra idade.

D. Isabel de Góes, mulher de Antonio Cavalcante, era tambem filha de Arnaud de Hollanda, neta pelo lado paterno de Henrique de Hollanda, Barão de Rhenoburgo, e de Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI; e pelo lado materno era neta de Bartholomeu Rodrigues, Camareiro-mór do Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manoel, e de D. Joanna de Góes.

Felippe Cavalcanti governou a Capitania de Pernambuco, não se sabendo, porém, ao certo, o tempo de seu governo. "Entretanto, consta de documentos authenticos, que em 28 de Agosto de 1589 e em 17 de Dezembro de 1590 dirigia elle o governo da Capitania."

D. Anna Cavalcante de Nazareth Bezerra, mulher do Capitão-mór Pedro Alves Feitosa (meus tataravós), ligava-se a Pedro Cavalcanti de Albuquerque, fidalgo da Casa Real, Cavalheiro da Ordem de Christo e Capitão de infanteria na guerra contra os Hollandezes, tronco na linha de sua ascendencia, pelos seguintes casaes: Manoel de Araujo Bezerra e Anna de Nazareth Cavalcante; Amador de Araujo de Azevedo e Maria Monteiro Bezerra; Matheus de Sá, que serviu de vereador na Camara de Olinda, em 1676, e Maria Cavalcante; José de Araujo Vilella, natural do Reino, e Luiza de Azevedo; o Capitão Domingos da Guarda Muniz, natural do Reino e Brazia Monteiro Bezerra, Domingos de Sá, natural do Reino, que teve em Pernambuco "grossos cabedaes", e Isabel da Costa, natural de Ipujuca; o Capitão Bernardino de Araujo Pereira e Ursula Cavalcante de Albuquerque; Domingos de Lima e Briolanja; Antonio Barbosa, natural de Vianna, e Brazia Monteiro de Castro, filha de Domingos de Castro Figueiroa e de Brazia Monteiro Bezerra; Amador de Araujo Pereira, Capitão-mór de Ipujuca, filho de Pedro Gonçalves e de Felippa de Araujo Pereira, casado com D. Maria da Costa Lima, e Pedro Cavalcanti de Albuquerque, que era casado com D. Brazia Monteiro, filha de Francisco Monteiro Bezerra e de D. Maria Pessoa.

Agora, proseguindo na ascendencia de Pedro Cavalcanti de Albuquerque e de Barzia Monteiro, até encontrarmos os troncos Bartholomeu Rodrigues e Joanna de Góes, temos que notar os seguintes casaes, em ordem chronologica de gerações: Manoel Gonçalves de Sirqueira, Cavalheiro da Ordem de Christo e primeiro marido de D. Isabel Cavalcante; Pedro Gonçalves de Sirqueira, a quem, por ser muito alto, chamavam Pedro Picú, e D. Catharina Frielas; Antonio Cavalcanti de Albuquerque, o mesmo que já mencionei como governador que foi das capitanias do Maranhão e do

Pará, e Isabel de Góes; Felippe Cavalcanti de Albuquerque (o fidalgo florentino) e D. Catharina de Albuquerque, a velha: João Cavalcanti e Genebra Manelli; Jeronymo de Albuquerque e Maria do Espirito Santo Arco Verde (a india); Arnaud de Hollanda, natural de Utrecht, e Brites Mendes de Vasconcellos: Henrique de Hollanda, Barão de Rhenoburgo, e Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI; e finalmente Bartholomeu Rodrigues e D. Joanna de Góes Vasconcellos, sendo elle Camareiro-mór do Infante D. Luiz e ella dama de *honor* da rainha Catharina, irmã mais moça de Carlos V e mulher de D. João III de Portugal. Dispenso-me de organisar arvore genealogica em torno dos troncos aqui relacionados por parecer-me facil, a quem fôr interessado no assumpto e conhecer qualquer cousa de sua ascendencia, ligar-se a qualquer tronco mais proximo ou mais remoto.

Os leitores bondosos, que me fizerem a honra da leitura do presente, trabalho, terão a generosidade de desculpar os defeitos encontrados, attento o complicado labyrintho que é todo trabalho desta natureza.

Arneiroz, Fevereiro de 1931.